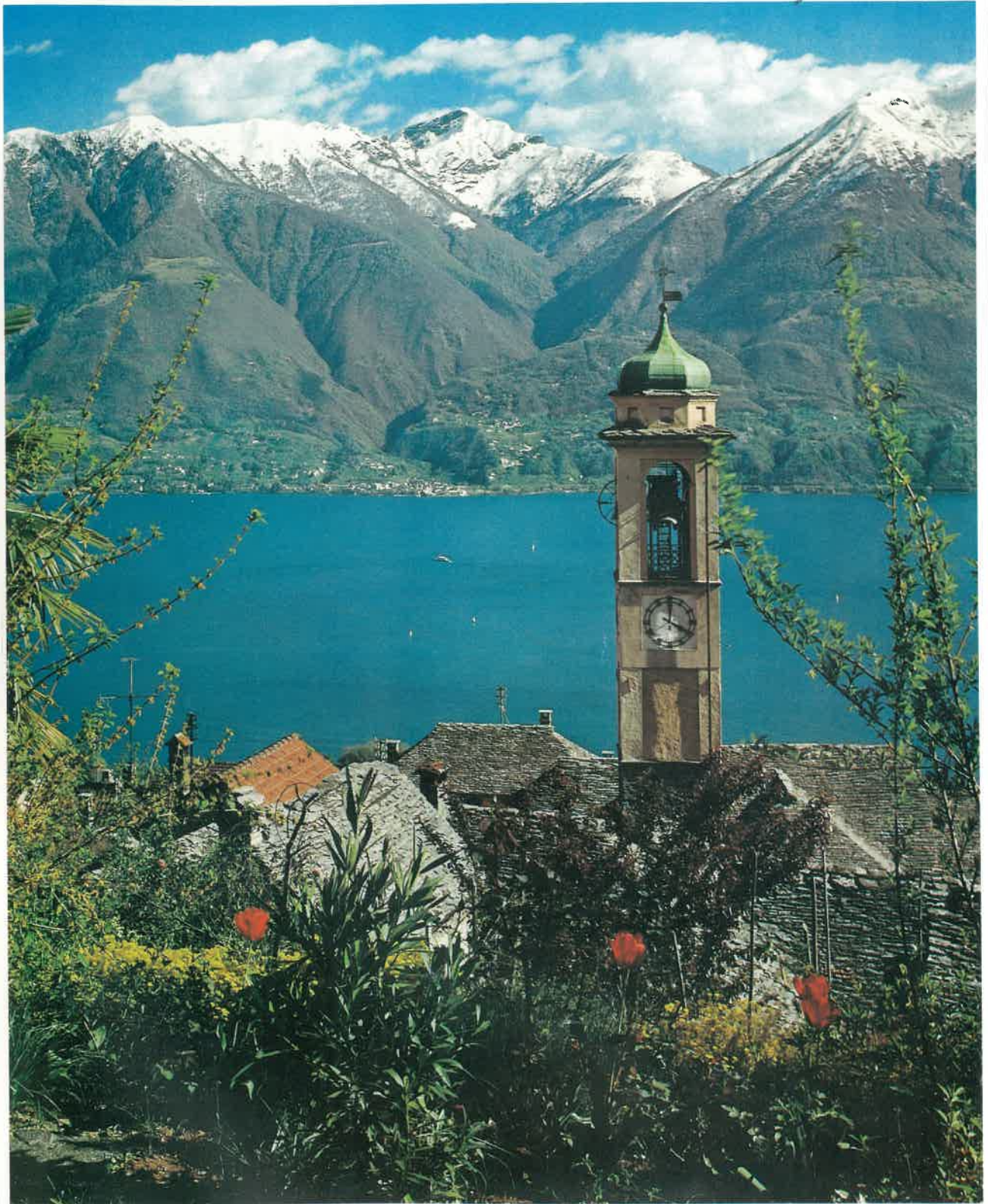


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril/88



PERDOA, Ó SENHOR, PERDOA!

ENEST C. DURHAM

Trad. Sady Machado

Jamais nas Tuas mãos cravámos pregos
— fazendo-as sangrar,
Mas friamente passamos pelo próximo,
— deixando-o penar;

Jamais trespassámos o Teu lado com a lança aguda
— e Te fizemos sofrer
Mas Teus filhos queridos clamam por pão
— e os deixamos morrer!

Não Te colocámos na cruz do Calvário
— para Te supliciar,
Mas numa cruz sempre estás
— quando não sabemos amar;

Não tecemos uma coroa de espinhos
— ao redor da Tua cabeça,
Mas o ódio invade milhões de vidas
— para que a Tua pereça!

Por isso, ó Senhor, perdoo o Teu povo
— ansiosamente oramos;
Sabemos que nossos pecados Te conservam na cruz
— por onde quer que andamos!

Perdoa nossos actos impensados
— cheios do «eu», cada momento;
Perdoa nossa fria complacência
— quando o povo carece de alimento!

Perdoa nossa luta constante
— que, parece, não se abrandar;
Quanto melhor seria viver em santo amor
— boa vontade e paz, como Cristo nos manda!

Perdoa nossos preconceitos e ódios
— faze nossa vida boa.
Ó, concede-nos perdão completo e livre
— PERDOA, Ó SENHOR, PERDOA!...

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril 1988

Ano XLVI • N.º 497

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00

Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

3 Normas Elevadas

Por J. Morgado

4 O Segredo da nossa Prosperidade

Por Ellen G. White

6 O que a Vida de Cristo Significa para Mim

Por Gordon M. Hyde

8 Orar de Pé

Por Richard Lehmann

9 Uma Igreja Profética

Por Georges Stéveny

11 Salvem os nossos Jovens

Por John Graz

13 Lealdade ao Senhor

Por José Carlos Costa

15 A Mulher Adventista

Por Maria Rosa Saboga Nunes

17 Notícias do Campo

19 O Campo é o Mundo — Notícias

Normas Elevadas



Uma estatística publicada há algum tempo apresentava uma comparação entre o crescimento de Igrejas de cariz conservador e o de igrejas de cariz liberal. Entre mais de meia dúzia de denominações, aquelas que pertenciam à linha conservadora eram as que registavam maior percentagem de crescimento.

Creio que esta estatística merece profundo estudo e reflexão.

Existem na Igreja pessoas que pensam que quando afrouxamos as regras e fechamos os olhos a certos problemas, isso permite a entrada de muitas pessoas. Por outras palavras, pensam que assim a Igreja cresce e o seu número de membros aumenta. Porém, as estatísticas afirmam exactamente o contrário.

É precisamente quando a Igreja mantém as suas normas elevadas que ela é mais apreciada, pois assim é possível ver a diferença entre a verdade e o erro. É essa situação que permite uma mudança naquele que entra em contacto com o Evangelho e aceita a Cristo, e de quem é dito: «Chamarei meu povo ao que não era meu povo» (Rom. 9:25).

Há, de facto, uma mudança a ser operada na vida daqueles que agora conhecem a Cristo. As normas do mundo não são as normas da Igreja. Há uma diferença. E para alcançarmos essas normas, há algo que temos que fazer:

«E vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade. Pelo que, deixai a mentira, e falai a verdade, cada

um com o seu próximo.

...Aquele que furtava, não furtar mais; ...Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. ...Toda a amargura, a ira, e cólera, e gritaria, e blasfémia, e toda a malícia, sejam tiradas de entre vós; antes sede, uns para com os outros, benignos, misericordiosos, perdoados -vos uns aos outros, como, também, Deus vos perdoou em Cristo» (Efés. 5:24-32).

O alto padrão de vida que a Igreja proclama não deve ser alcançado unicamente no momento do baptismo: é algo que deve ser mantido.

A história de Israel, a história do povo de Deus através dos séculos, conta a situação de um povo que algumas vezes estava do lado do Senhor e outras vezes, bem longe. Quão frequentemente o Senhor tinha de chamar a atenção de um povo que era Seu mas que O esquecia! Quantas vezes esse povo só ouviu a voz do Senhor quando alertado por fortes dificuldades!

Gostaria de lembrar um voto da Assembleia da União, que mais uma vez chama a nossa atenção para a manutenção das normas. Normas de simplicidade no adorno e no vestuário, que deveriam ser timbre do povo de Deus!

Existe uma diferença nítida entre o vestuário com que devemos ir aos cultos e aquele que devemos usar numa hora social ou em qualquer actividade no campo, ou mesmo na nossa vida quotidiana. E, infelizmente, algumas vezes

essa diferença não existe, não se vê.

Gostaria de lançar um apelo aos jovens para que se não deixem influenciar pelo mau exemplo de alguém mais velho. As normas da Igreja aplicam-se a todas as épocas e são inalteráveis. Acontece que alguns até já têm querido acrescentar a essas regras as suas ideias pessoais, o que fez com que alguns extremismos tivessem penetrado na Igreja.

Deus espera de nós que sejamos equilibrados em todos os aspectos da nossa vida. Espera que ouçamos a Sua voz e não as ideias humanas. Nesse equilíbrio encontraremos paz e felicidade.

São muitos os convites que o mundo faz a cada um de nós. Quantas respostas positivas lhes damos! Quantas dessas respostas nos afastam de Deus!

Há algum tempo, alguém ficou chocado com a apresentação de alguns responsáveis pela Escola Sabatina. Era difícil notar qualquer diferença entre um mundano e aquele crente, ou aqueles crentes. É isto que está errado. Há diferenças nítidas entre a verdade e o erro e estas têm de ser mantidas, têm de ser transportadas para a nossa apresentação dentro e fora da igreja.

Um apelo muito forte aos responsáveis das Igrejas e Grupos, e um apelo muito amigo a todos os nossos jovens, irmãos e irmãs, para que, verdadeiramente, mantenhamos elevadas as nossas normas. Isso só nos beneficiará e será um meio de crescimento da Igreja.

J. Morgado



Com o encorajamento de Ellen White na Conferência Geral de 1903, a Igreja reorganizou-se.

Nos dias de Moisés, o governo de Israel era caracterizado pela mais completa e maravilhosa organização, da mesma maneira que pela sua perfeição e simplicidade.

A ordem, tão naturalmente evidenciada na perfeição e disposição de todas as obras criadas por Deus, foi manifesta na economia hebraica. Deus era o centro da autoridade e governo, o soberano de Israel. Moisés era o seu líder visível, por nomeação de Deus, para administrar as leis em Seu nome. Dos anciãos das tribos, foi escolhido um conselho de 70 para assisti-

maus estão muito ocupados em desfazer esta unidade e destruí-la.

É elaborado esforço de Satanás levar os professos cristãos tão longe quanto possa das disposições do Céu; por isso, algumas vezes, ele engana até o professo povo de Deus e fá-los crer que ordem e disciplina são inimigas da espiritualidade; que a única segurança para eles é deixar que cada um siga o seu próprio caminho; mas se não virmos qualquer necessidade de acção harmoniosa, e formos desordenadamente indisciplinados e desorganizados no nosso modo de agir, os anjos, que são perfeitamente organizados e se movimentam em perfeita ordem, não podem, com êxito, operar em nosso favor. Retiram-se com mágoa, por que não estão autorizados a abençoar a confusão, a distração e a desorganização...

Deus deseja que a Sua obra seja feita com sistematização e exactidão, para que Ele possa apôr-lhe o selo da Sua aprovação.

O resultado do esforço organizado

Há perto de meio século (texto escrito em 1905) que a ordem e a organização foram introduzidas entre nós, como povo. Fui uma das pessoas que tiveram uma experiência em trabalhar pelo seu estabelecimento. Conheço as dificuldades que foi preciso superar, os males que a organização se propunha corrigir, e tenho observado a sua influência em relação com o crescimento da causa. Na fase inicial da obra, Deus deu-nos luz especial sobre este ponto; e esta luz, juntamente com as lições que a experiência nos ensinou, deveriam ser cuidadosamente consideradas.

Desde o princípio a nossa obra teve carácter empreendedor. Os nossos membros eram poucos e a maioria provinha de classes pobres. As nossas ideias eram quase desconhecidas do mundo. Não tínhamos casas de culto, mas apenas algumas publicações e meios muito reduzidos para levar avante o nosso trabalho. As ovelhas fo-

O SEGREDO DA NOSSA PROSPERIDADE

O que tem significado para nós seguir as ordens do Capitão

ELLEN G. WHITE

rem Moisés nos negócios gerais da nação. Logo a seguir, vinham os sacerdotes, que consultavam ao Senhor no santuário. Chefes, ou príncipes, governavam as tribos. Abaixo destes havia «maiorais de mil, maiorais de cem, maiorais de cinquenta e maiorais de dez», e, finalmente, oficiais que podiam ser utilizados em tarefas especiais.

Na igreja, quando Cristo estava neste mundo, havia ordem, e após a Sua partida, a ordem era estritamente observada entre os Seus apóstolos. E, agora, nestes últimos dias, quando Deus está dirigindo os Seus filhos à unidade da fé, a necessidade de ordem é ainda mais real do que nunca antes; porque, enquanto o Senhor une o Seu povo, Satanás e os seus anjos

«O nosso Deus é um Deus de ordem. Tudo o que se acha em conexão com o Céu está em perfeita ordem; sujeição e disciplina assinalam os movimentos da hoste angélica.»

Evangelismo, p. 93.

ram espalhadas pelas estradas e veredas, por cidades e vilas, aldeias e florestas. Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus eram a nossa mensagem.

«Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios, segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres, que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante Ele. Mas vós sois d'Ele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito, por Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: Aquele que se glorie glorie-se no Senhor» (I Cor. 1:26-31).

O nosso número foi crescendo gradualmente.

A semente lançada foi regada por Deus e Ele deu-lhe o crescimento. Ao princípio reuníamos-nos para o culto e apresentávamos a verdade aos que podiam vir ouvi-la, em casas particulares, em grandes cozinhas, celeiros, bosques e em edifícios escolares, mas não demorou muito sem que conseguíssemos construir humildes casas de culto. À medida que os nossos membros aumentavam, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão e a obra não poderia ser levada avante com êxito.

Para providenciar a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os ministros, para a igreja poder dispor de bens para a publicação da verdade através da imprensa e para muitos outros fins, a organização era indispensável.

Sentimento contra a organização

Todavia, entre o nosso povo, o sentimento contra a organização

era muito forte. Geralmente, os Adventistas que se tinham afastado de igrejas de várias denominações ao chamado da mensagem do segundo anjo para saírem de Babilónia, opunham-se a toda a espécie de organização e muitos Adventistas do Sétimo Dia estavam receosos de que a organização em igreja fosse para nós motivo de condenação.

Buscámos ao Senhor com fervorosa oração para que Ele nos fizesse compreender a Sua vontade e foi-nos dada luz pelo Seu Espírito, de que deveria haver ordem e perfeita disciplina na igreja — que a organização era essencial...

Tivemos árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor nos ter dado testemunho após testemunho sobre este ponto, a oposição era forte e teve de ser enfrentada repetidas vezes...

À medida que o desenvolvimento da obra nos chamava a novos empreendimentos, nós estávamos preparados para os começar. O Senhor dirigiu as nossas mentes para a importância da obra educacional. Vimos a necessidade de escolas em que os nossos filhos recebessem instrução isenta dos erros da falsa filosofia, em que a sua educação se processasse de harmonia com os princípios da Palavra de Deus. A necessidade de instituições de saúde fazia-se sentir cada vez mais, para auxílio e saúde do nosso povo e como meio de bênção e luz esclarecedora de outros. Este empreendimento foi levado avante. Tudo isto era obra missionária da mais elevada ordem. O nosso trabalho não era mantido por grandes donativos ou legados. No nosso meio havia poucos homens abastados.

O nosso trabalho tem avançado constantemente.

Qual é o segredo da nossa prosperidade?

Temos avançado sob as ordens do Capitão. Deus tem abençoado os nossos esforços unidos. A verdade tem-se espalhado e florescido. As instituições têm-se multiplicado. A semente de mostarda cresceu e tornou-se uma grande árvore.

O sistema de organização provou ser um grande êxito. A benevolência sistemática foi estabelecida de acordo com o plano bíblico. O corpo tornou-se bem ajustado e «ligado pelo auxílio de todas as juntas».

Na medida do avanço feito ficou provado ser eficiente o nosso sistema de organização.

À medida que avançamos, o nosso sistema de organização continua ainda a provar-se eficiente.

Maquinismo demasiado complicado

Em algumas partes da obra, é verdade, o maquinismo tem-se tornado demasiado complicado; tal tem sido o caso, especialmente em anos passados, no trabalho missionário e de folhetos; a multiplicação das regras e regulamentos tornaram-no um incómodo desnecessário. Tem sido feito um esforço para simplificar a obra, de modo a evitar todo o labor e complicação desnecessários.

O trabalho da sessão da nossa conferência tem algumas vezes sido sobrecarregado com propostas e resoluções que não eram absolutamente nada essenciais, e que nunca teriam sido apresentadas se os filhos e filhas de Deus tivessem estado andando cuidadosamente e com oração diante d'Ele. Quanto menos regras e regulamentos posamos ter, melhor será o efeito no fim. Quando eles são feitos, que sejam cuidadosamente considerados e, se isso foi sábio, que signifiquem algo e que não sejam para tornar-se letra morta. Não embacemos qualquer ramo da obra com descessários fardos, restrições e invenções de homens.

Neste período da história do mundo, com o vasto trabalho que está diante de nós, precisamos de observar a maior simplicidade, e o trabalho tornar-se-á mais forte pela sua simplicidade.

Que ninguém todavia acaricie o pensamento de que podemos dispensar a organização.

Custou-nos muito estudo e muitas orações, em que rogávamos

sabedoria às quais sabemos que Deus nos respondeu, erigir esta estrutura. Foi edificada pela Sua direcção, através de sacrifício e luta. Que nenhum dos nossos irmãos seja tão iludido a ponto de tentar derribá-la, porque isso levar-nos-ia para um estado de coisas que nem sonham. *Em nome do Senhor eu vos declaro que ela há-de ser firmemente estabelecida, robustecida e consolidada.* À ordem de Deus «Avançai», nós avançamos quando as dificuldades a ser superadas faziam o avan-

ço parecer impossível. Sabemos quanto nos custou no passado executar os planos de Deus, que fizeram de nós o povo que somos. Portanto, cada um tenha o máximo cuidado para não conturbar as mentes em relação àquelas coisas que Deus ordenou para nossa prosperidade e êxito no avanço da Sua causa.

A obra terminará em breve. Os membros da igreja militante que se provarem fiéis tornar-se-ão na igreja triunfante. Ao passar em revista a nossa história passada, ten-

do percorrido cada passo do nosso progresso até ao estado actual, posso dizer: Louvado seja o Senhor! Ao ver o que Deus tem executado, encho-me de admiração e de confiança em Cristo como Líder. Nada temos a recear quanto ao futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual o Senhor nos tem guiado, e o Seu ensinamento na nossa história passada.

[Da *Advent Review and Sabbath Herald*, de 12 de Outubro de 1905.

O QUE A VIDA DE CRISTO SIGNIFICA PARA MIM

Reflexão sobre a Vida, Morte e Ressurreição

GORDON M. HYDE

A Vida, a Morte e a Ressurreição de Cristo.

Na vida de Cristo, de perfeita obediência à vontade de Deus, e em Seu sofrimento morte e ressurreição, Deus proveu o único meio de expiação do pecado humano, de modo que os que aceitam esta expiação pela fé possam ter vida eterna, e toda a criação compreenda melhor o infinito e santo amor do Criador.

Essa perfeita expiação vindica a justiça da lei de Deus e a benignidade do Seu carácter, pois ela não somente condena o nosso pecado, mas também garante o nosso perdão. A morte de Cristo é substituinte e expiatória, reconciliadora e transformadora.



A ressurreição de Cristo proclama a vitória de Deus sobre as forças do mal, e assegura a vitória final sobre o pecado e a morte para os que aceitam a expiação. Ela proclama a soberania de Jesus Cristo, diante do qual se dobrará todo o joelho, no Céu e na Terra. (João 3:16; Isa 53; II Cor. 5:14, 15 e 19-21; Rom. 1:4; 3:25; 4:25; 8:3 e 4; Filip. 2:6-11; I João 2:2; 4:10; Col. 2:15.)

Todas as pessoas que chegam de avião à cidade do Rio de Janeiro ficam impressionadas com a beleza do cenário natural composto pelas montanhas que brotam irregularmente da terra furando as nuvens azuis ou contrastando com a bela costa atlântica. E, para acres-

centar mais solenidade a essa cena, existe a figura dominante do Cristo Redentor, abençoando a cidade, o oceano e o mundo todo.

Para mim, essa paisagem lembra-me sempre como a vida, a morte e a ressurreição de meu Senhor — Jesus, o Cristo — devem dominar todo o meu pensamento, experiência e limitado conhecimento do eterno e imutável Deus.

Genealogia

A minha própria origem como adventista do sétimo dia sempre me vem à mente quando me lembro da lista genealógica greco-hebraica apresentada por Paulo. É fácil sentir um certo orgulho da minha família de pioneiros adventistas na Inglaterra. Mas isso nada significa, nem me acrescenta nada quando olho para a cruz de Cristo — que domina acima de toda história ou realizações humanas, ou mesmo do esforço da igreja.

Da mesma forma que Paulo e aqueles judeus que se tornaram seus irmãos e irmãs em Cristo, nós, adventistas, temos uma profunda devoção à lei de Deus. Apesar de não adotarmos o sistema de sacrifícios que bem caracterizava a antiga lei hebraica, adotamos uma série de actividades cristãs, responsabilidades e observâncias. Tais práticas podem, com facilidade, passar por obras de obediência, e nos sentimos salvos por essas observâncias. O abençoado apóstolo, entretanto, considerava tais obras como lixo quando comparadas com a preciosidade da vida e morte de Jesus.

É bem humana essa tendência de apegar-se a determinadas práticas ou

refugar outras no intuito de recomendar-se diante de Deus. Tanto que os judeus se apegaram ao sacrifício de animais, o qual era apenas uma ilustração do sangue derramado por Jesus, e perderam o seu verdadeiro significado; por isso multiplicaram as ofertas de símbolos no desejo de serem aceitos por Deus.

Semelhança

Em dado momento, minha própria experiência religiosa apresentava alguma semelhança com o que foi dito acima. Entendia a religião como o cumprimento de certas formalidades, e a cruz de Cristo estava apagada, lá ao fundo. Então fiquei conhecendo um dinamarquês que era um verdadeiro seguidor de Jesus. Falava muito mal o inglês, mas era possuído por um brilhante senso de justiça. Ele se tornou o meu modelo. A duras penas, tentava eu imitá-lo. De início, parece que conseguia.

Certa noite, no bulício da vida colegial, meti-me num problema. Logo me lembrei do amigo estrangeiro. Como sairia ele de semelhante problema? Tudo parecia que dava certo para ele. Resolvi abordá-lo.

Pois ele não me disse o que eu esperava, nem tocou no que eu achava o mais importante. Apenas falou de Jesus — Sua vida de perfeita obediência, Sua justiça, Sua agonia no Getsêmani e no Calvário, e o triunfo da Sua tumba vazia.

Comecei a ouvi-lo com má vontade, passei a escutá-lo com atenção, fiquei impressionado, passei a crer e a aceitar. Comecei a entender que Jesus fora tratado como eu merecia para que eu pudesse ser tratado como só

Ele merecia. Que Ele sofrera pelos meus pecados, sem qualquer culpa, para que eu pudesse parecer justo à vista de Deus, baseado na justiça de Cristo, como se eu não tivesse culpa alguma. Ele sofreu a morte a que eu estava destinado — morte sem qualquer conforto da presença divina — para que eu pudesse ter a vida que era d'Ele. Pelas Suas feridas fui curado.

O que fez por mim essa nova compreensão e como passei a encarar os imutáveis mandamentos do Deus de toda a justiça? O inesperado fruto de toda essa maravilhosa providência em meu favor foi um novo, mais profundo e sincero prazer na obediência. A vontade de Deus se tornou um deleite, a Palavra de Deus uma festa, e o templo do meu corpo uma verdadeira habitação para o Espírito de Deus. Passei a sentir paz.

Poder Ressuscitador

A gratidão a Deus e a alegria no Senhor transformaram o que antes era uma árdua disciplina num deleite. O que antes parecia uma pesada carga imposta por Deus se tornou num privilégio; a justiça própria deu lugar à consciência da indignidade. O que operou essa mudança? Exactamente o poder redentivo do sangue de Jesus e o poder ressuscitador de Seu representante pessoal — o Espírito Santo.

No Espírito Santo, a alma humana desorientada tem uma nova, infinita e onnipotente fonte de poder. E ela pode suprir todo e qualquer projecto ou necessidade humana. É um poder ressuscitador. É a mesma força que operou em Cristo quando Ele Se levantou da morte, e que levantará a todos os

salvos que descansam na terra e no mar; é a mesma força que nos ergue acima do poder do pecado e da morte, em nossa vida diária. Nascidos do alto pelo poder remidor da cruz de Cristo e transformador do Espírito, temos nova vida — *somos novas criaturas* — em Jesus.

Com profunda gratidão e mais clara percepção, comecei a descobrir que o caminho que me levava até à cruz fora o mesmo anteriormente trilhado por todos os filhos de Deus. Lutero, Bunyan, Zuínglio e Wesley, todos eles laboraram um dia no sentido de agradar a Deus com sua própria justiça. E cada um por sua vez teve de aprender quão inócuos são os esforços humanos. Essa descoberta inicial preparou-os para aceitar a justificadora graça de Cristo pela fé. Só assim suas obras se tornaram mais numerosas e verdadeiras, sem qualquer aparência de *base*, mas como *frutos* da salvação. Nós em Cristo. Cristo em nós. A relação é dupla e recíproca.

Realidades Profundas

Esses foram alguns dos primeiros reflexos do significado da vida, morte e ressurreição de Jesus que transformaram a minha vida. Mas isso não foi tudo. A compreensão leva à experiência, e a experiência aprofunda a compreensão. Ao longo dos anos, tenho percebido novas e mais profundas realidades de meu Senhor.

Cheguei a compreender que algumas coisas passaram a ter novo sentido para Cristo, depois que Ele uniu a divindade com a humanidade. Entendi que o perdão nasceu no coração de Deus, antes mesmo de Ele ter

criado o primeiro ser. A cruz estava no Seu coração. E a cruz é apenas uma atmosfera da dor que o pecado causou a Deus.

Ainda não consegui avaliar completamente o risco assumido pela divindade ao permitir que o Filho viesse para a Terra como homem. E se Cristo pecasse? Poderia Ele cair? Acho que nós todos estaríamos perdidos, mas e Ele? E o Pai? Que bênçãos o Espírito Santo poderia oferecer nessa hipótese?

Quão próximo da queda chegou Cristo? Ou o Getsêmani foi apenas uma acção teatral? Se Ele pudesse vislumbrar a gloriosa ressurreição, qual o sentido do cálice de amargura? Qual a razão do grito: «Pai, Pai, porque Me desamparastes?»

Acho que o Céu correu um risco real quando Cristo Se ofereceu para redimir o mundo perdido e o Universo ameaçado. Que exemplo de abnegação! Que inspiração para uma vida abnegada! E mais ainda: Conforme fora muito bem expresso pelo sistema sacrificial, desde o Éden, sem derramamento de sangue não pode haver perdão. A Divindade colocou-Se em risco desde antes da fundação do mundo para nos criar dotados de livre-arbítrio, à imagem de Deus. E desde então a cruz fora plantada no coração de Deus; desde a eternidade, creio eu.

Essas são as coisas profundas que a vida, a morte e a ressurreição de Cristo trazem à minha mente. E, através da eternidade — dominada como o Cristo Redentor do Rio de Janeiro —, espero que a cruz de Cristo seja mais e mais exaltada. □

Gordon M. Hyde, Director do Departamento de Religião do Colégio Adventista do Tennessee, Estados Unidos.

ORAR DE PÉ

RICHARD LEHMANN

«E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé...» (Mat. 6:5). Deverá concluir-se, destas palavras de Jesus, que toda a oração deve ser proferida de joelhos? Tal é a pergunta feita por alguns cristãos.

As Sagradas Escrituras não pronunciam qualquer juízo sobre as diferentes posturas de adoração ou oração adoptadas pelos crentes. Eis alguns exemplos:

Para exprimir o seu aniquilamento, os antigos oravam prostrados por terra, a face contra o solo. Assim, Job revolve a sua cabeça na terra (Job 16:15; 42:6) e Jeremias coloca a sua boca no pó (Lament. 3:29). Esta postura pode tomar a forma praticada pelos Muçulmanos de hoje, quando se inclinam por terra. Para pronunciar uma longa oração, «o rei David sentou-se diante do Senhor» (II Sam 7:18, versão de Pe. Matos Soares. Geralmente, as nossas versões dizem «ficou diante do Senhor», mas esta está de acordo com o original que usa o verbo «sentar-se»), porque, de facto, era também habitual uma pessoa sentar-se para orar. Moisés obterá a vitória sobre Amelek orando assentado (Êxo. 17:12). A oração de dedicação pronunciada por Salomão foi feita de joelhos, com as mãos levantadas ao céu (I Reis 8:54). Mas habitualmente a oração era pronunciada de pé, com as mãos levantadas. Assim aconteceu com Abraão (Gén. 18:22), com Ana (I Sam. 1:26), com Moisés (Êxo. 17:9). Esta atitude parecia normal a Jesus (Marcos 11:25), e se Ele denunciava os fariseus (Luc. 18:1), ou os hipócritas (Marcos 6:5), não é por estarem de pé, mas por cau-

sa do seu formalismo ou arrogância. A estas atitudes poderão juntar-se certas exigências como lavar as mãos (Judite 12:7, 8, livro apócrifo, não incluído na nossa Bíblia), descalçar-se (Josué 5:15), cobrir a cabeça (I Cor. 11:13), bater no peito (Luc. 18:13).

Os cristãos conservaram durante muito tempo o hábito de orar de pé, com as mãos e os braços abertos, como se pode ver nas figuras que oram, na arte cristã primitiva.¹ «A posição de pé, cabeça levantada e olhos baixados é talvez a atitude de oração mais habitual no Novo Testamento. [...] Excepto para a oração de penitência, o costume é levantar ao céu as mãos (I Tim. 2:8) e os olhos (Mat. 14:19; Luc. 9:16; João 11:41).»²

Alguns adventistas quiseram impor que se orasse de joelhos em todas as circunstâncias do culto, com base numa declaração de Ellen White, em *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pp. 361-365. Esqueceram-se porém de acrescentar que na Conferência Geral de 1909, Ellen White convidou a assembleia a levantar-se e proferiu ela própria oração de pé (na mesma obra, p. 177). E esse não foi um caso isolado. Ver, por exemplo, o Manuscrito n.º 35, de 1908, ou o Manuscrito n.º 7, de 1909.³ O irmão Robinson escrevia em 1934: «Estive várias vezes presente em camp-meetings e sessões da Conferência Geral no decurso das quais a irmã White pronunciou orações em que a congregação e ela própria estavam de pé.»⁴

A seguinte declaração é também de Ellen White: «Nem sempre é necessário dobrar os nossos joelhos para orar. Cultivai o hábito de falar com o Salvador

quando vos encontrais sozinhos, quando caminhais a pé, quando o vosso trabalho quotidiano vos acabrunha.»⁵

Que dizer então senão que a advertência de Jesus e a de Ellen White continuam válidas. Apresentar-se diante de Deus em oração é uma coisa séria. Não basta lavar as mãos, como os Judeus tinham o hábito de fazer; deve-se, antes de mais, humilhar o coração. Mas o nosso Deus é um Deus de amor, pronto a receber-nos, para quem podemos levantar as nossas cabeças, descansar o nosso olhar no Seu, deixar-nos penetrar por Ele e exprimir-Lhe a nossa alegria e profundo reconhecimento. A exigência extrema de uns pode provir da lassidão de outros. Mas a verdadeira oração conduz sempre a uma melhor escuta mútua.

Referências

1. Ver fotografias de frescos de catacumbas dos séculos II e III, em A. CHOURAQUI, *L'Univers de la Bible*, tomo VIII, Lides, Paris, pp. 60, 137, 207, 357; tomo IX, pp. 155, 406. «Os cristãos adoptaram o costume de orar ora de pé, ora de joelhos, e frequentemente de mãos estendidas.» H. Lesette, «Prière», *Dictionnaire de la Bible*, ed. F. Vigouroux, tomo V. 1, Paris, 1922, p. 676.
2. A. GONZALEZ, «Prière dans le Nouveau Testament», *Dictionnaire de la Bible*, Supplément, tomo VIII, Paris, 1972, vol. 594.
3. Na sua casa de Avondale, na Austrália, Ellen G. White possuía um pequeno compartimento de cerca de 2 m2 a que chamava o seu quarto de oração. Nele se encontrava uma pequena poltrona, na qual ela se sentava para ler a sua Bíblia e orar.
4. Carta de D. E. Robison, 4 de Março de 1934.
5. *A Ciência do Bom Viver*, pp. 510 e 511.

Richard Lehmann, Deão da Faculdade adventista de Teologia, Seminário de Collonges sous Salève.

UMA IGREJA PROFÉTICA

Através de alguns quadros proféticos o autor propõe-nos uma reflexão sobre o lugar que a Igreja Adventista ocupa na história da salvação, bem como sobre a sua privilegiada função na realização dos oráculos divinos.

GEORGES STÉVENY

Ecumenismo e pluralismo estão na ordem do dia; qualquer outra atitude é logo taxada de estreiteza e sectarismo. Todavia, é preciso saber que a Bíblia condena severamente o sincretismo, ou mistura de crenças (II Cor. 6:14-18). O célebre convite para sair de Babilónia vai neste mesmo sentido. Que a trombeta faça ouvir um som claro! Não que se pretenda modelar todos segundo a mesma forma. Não se trata de perder a sua individualidade. Mas o respeito pela Palavra de Deus tem de ser completo. Por conseguinte, mais do que nunca, é indispensável saber porque somos adventistas. É importante estar em condições de responder claramente acerca da nossa fé. Quem sabe se um dia não teremos de fazê-lo diante das autoridades, tal como Paulo em Cesareia ou em Roma!

Eu nasci praticamente na Igreja Adventista, mas isso não significa que eu seja adventista por tradição. Quando estudei filosofia, quis, de alguma maneira, imitar o famoso Descartes. Fiz tábua rasa de tudo para reconstruir a minha fé sobre bases sólidas. E, para resumir, direi que adquiri pelo menos duas grandes razões para ser adventista.

Em primeiro lugar, há uma razão dogmática. A igreja tem por missão ser «coluna e firmeza da verdade» (II Tim. 3:15). Ora, a minha

igreja responde perfeitamente a esta definição. Se pode haver variantes a propósito de temas menores, as grandes revelações da «santa doutrina» (I Tim. 6:3; II Tim. 4:1-5) são solidamente mantidas. Seria necessário todo um livro para o demonstrar. Para mim, isso é essencial!

A minha segunda razão é mais subtil, mas mesmo assim importante. Creio que a minha igreja corresponde a um assinalamento profético exacto. Não prometeu o Senhor que nada faria sem revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas (Amós 3:7)? Esta profecia confere à minha atitude um precedente favorável! Permitam-me, pois, evocar aqui, sem poder desenvolvê-las longamente, quatro profecias que, do meu ponto de vista, se aplicam à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

1. Em primeiro lugar, a última profecia do Antigo Testamento, (Mal. 4:5): «Eis que vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor.»¹

Conhecemos bem Elias, o tesbita (I Reis 17:1). Ele teve um papel de primeira plana aquando da grande apostasia no reinado do rei Acab. Israel abandonara os mandamentos de Deus, favorecera o culto de Baal e organizara sacrificios pagãos. Estes três graves erros clamavam por reforma. Deus

operou-a por intermédio do profeta Elias.

Cerca de cinco séculos mais tarde, apareceu João Baptista, designado como «o Elias que havia de vir» (Mat. 11:14). Muitos não o reconheceram, mas era bem ele. (Mat. 17:12). E quando se analisa a sua obra, esta parece-se, de facto, com a de Elias. Ele pregava o respeito à Verdade de Deus, (Lucas 3:7-17) a recusa da apostasia (Mat. 3:7-10) e a fé de Cristo (João 1:29; Mat. 3:11, 12).

Todavia, quando o observamos de perto, notamos sem dificuldades que João Baptista não cumpriu plenamente a profecia de Malaquias, porque não viveu «o dia grande e terrível». Verifica-se, pois, ser indispensável uma outra intervenção divina antes da volta de Cristo. A Sua primeira vinda foi pregada por um profeta. O Seu regresso em glória, com todas as consequências implícitas ao nível do julgamento, precisa também de solenes advertências. Ora, tal é, precisamente, a missão por excelência da Igreja Adventista.

Uma visão de Ellen White confirma formalmente as linhas precedentes: «João Baptista veio no espírito e virtude de Elias, para proclamar o primeiro advento de Jesus. Representava os que saíam no espírito e virtude de Elias, para anunciar o dia da ira, e o segundo advento de Jesus.» (*Primeiros Escritos*, pp. 154, 155).

Como segundo exemplo de profecia aplicável à Igreja Adventista, citarei Daniel 8:14. Este texto iluminou os nossos pioneiros. Ele é de tal maneira extraordinário que o inimigo se esforça constantemente por atenuar-lhe o alcance. Isso nunca deixou de acontecer no decurso dos últimos anos. Também este assunto mereceria um livro inteiro. Limitemo-nos, contudo, a mencionar três críticas proféticas formuladas contra o duplo ministério de Cristo após a Sua ascensão, correspondendo uma ao lugar santo do santuário e a outra ao lugar santíssimo.

a. «que penetrou nos Céus», Heb. 4:14.²

Se Ele penetrou nos Céus, nada no ministério de Cristo corresponde, dizem, ao lugar santo. É esquecer que na Bíblia as palavras «céus» e «santuários» não são sinónimos. A palavra «céus» tem um valor vago. Diz-se mesmo que Deus está «por cima dos céus» (Ezequiel 1:26; 10:1. Noutras versões aparece traduzida por «firmamento»; cf. *Difusora Bíblica* e Edições Paulinas, do Pe. Matos Soares).

Os Judeus distinguiram vários céus.³ O apóstolo Paulo foi arrebatado até ao terceiro céu (II Cor. 12:2). Consequentemente, a afirmação segundo a qual Jesus atravessou ou penetrou nos céus não invalida a realidade de um santuário celeste e de um duplo ministério.

b. «Assentou-se à dextra de Deus» (Heb. 1:3, 13; 8:1; 10:12; 12:2).

A crítica é simples: Deus está no lugar santíssimo; logo Jesus, à Sua direita, não pode exercer um ministério no lugar santo.

O mal-entendido reside ainda ao nível do vocabulário. A expressão «à direita de Deus» ou «à direita da Majestade» designa a entronização celeste de Cristo, após a Sua ressurreição, conferindo-lhe dignidade real e poder divino (Mat. 28:18-20). Revela antes um novo mandato confiado ao Senhor do que uma residência geo-

gráfica. É bem conhecida a figura de estilo que consiste em designar a função pelo lugar, como, por exemplo, «Ele está no trono» para dizer: «Ele reina».

c. Terceira crítica: A nossa segurança penetra «até ao interior do véu», «onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós» (Heb. 6:19 e 20).

Uma leitura apressada poderia levar a concluir, de boa fé, que Jesus, penetrando até ao interior do véu, ou para além do véu, como dizem outras versões, teria, entrando directamente no lugar santíssimo. Não esqueçamos, porém, que havia dois véus no santuário judaico. O primeiro dava acesso ao lugar santo a partir do pátio; o segundo separava o lugar santo do lugar santíssimo. Vale a pena notar que quando a epístola aos Hebreus designa o véu que separava os dois compartimentos, chamava-lhe sem equívoco «o segundo véu» (Heb. 9:3).

Quando não há especificação, a conjectura é favorável ao primeiro véu. Convenhamos que se encontra a expressão «para dentro do véu» para designar o segundo (Lev. 16:2). Mas também se encontra para designar o primeiro (Núm. 18:7). Portanto, só por si, o texto de Hebreus 6:20 não poderia contradizer o nosso ensino sobre o santuário. A irmã White não hesita: «Durante dezoito séculos, a obra de mediação continuou no primeiro compartimento do santuário». (*Christ in His Sanctuary*, p. 98).

Em resumo: nós acreditamos que em 1844 começou nos céus uma nova fase do ministério do Cristo ressuscitado, em favor da nossa justificação (Rom. 4:25). A este ministério celeste corresponde na Terra uma grande obra confiada à Igreja Remanescente: tanto na sua pregação como na sua vida prática, ela deve continuar a obra empreendida pela Reforma. «Cristo purifica o templo celeste dos pecados do Seu povo. Nós devemos trabalhar de harmonia com Ele sobre a Terra purificando o templo da alma das máculas es-

pirituais.» *Review and Herald*, 11 de Fevereiro de 1890.

3. Um dos textos mais célebres a respeito da igreja Remanescente e que descreve com exactidão o nosso movimento é certamente o de Apocalipse 14:6-13. A estrutura do Apocalipse permite afirmar que a grande pregação anunciada neste capítulo surge no século XIX. Eis, brevemente, alguns argumentos:

a. O capítulo 14 fica entre o drama de Cristo e Sua igreja, descrito nos capítulos 12 e 13, e a visão das pragas que culminam na volta de Cristo (16:15).

b. Após os 1260 anos (12:14), terminados em 1798, o dragão guerreia sobretudo o resto da igreja. (12:17).

c. O resto é descrito da mesma maneira em 12:17 e 14:12.

d. A pregação em questão precede imediatamente a colheita e a vindima que correspondem ao último julgamento. (14:14-20).

e. Este texto é paralelo ao capítulo 7, que responde à pergunta «Quem poderá subsistir?» formulada após a descrição dos sinais do fim (6:17) e precisamente antes do regresso de Jesus.

Parece-me evidente que esta profecia anuncia:

a. o aparecimento de um movimento mundial (14:6),

b. após o longo período de supremacia papal,

c. encarregado de revalorizar a pregação do evangelho eterno,

d. chamando o povo de Deus a se reunir para esperar a segunda vinda de Jesus.

Os sinais de identificação adaptam-se perfeitamente à Igreja Adventista. Ellen White reconhece-o explicitamente: «Os três anjos de Apocalipse 14 representam o povo que aceita a luz das mensagens divinas e avança como seus porta-vozes para proclamarem a advertência a toda a terra.» *Testimonies* vol. 5, pp. 455 e 456.

4. O último exemplo é simples e preciso: «Os que de ti procederem

edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos de geração em geração: chamar-te-ão reparador das roturas.» (Isaías 58:12-14).

A rotura de que se trata aqui diz respeito à lei de Deus. Israel era comparado a uma vinha cercada de um muro protector, o qual simbolizava a lei. Segundo o profeta Daniel, a ponta pequena «cuidará em mudar os tempos e a lei» (Daniel 7:25). Com efeito, o quarto mandamento, relativo ao Sábado, é geralmente desprezado. Brecha nos fundamentos antigos!

Mas, os fundamentos serão reerguidos, diz o Senhor. A rotura será reparada, o Sábado restaurado. O regresso à Palestina após o exílio realizou parcialmente esta predição. De uma maneira mais

ampla, ela aplica-se à saída do exílio moral da Babilónia mística. A alusão à Igreja Adventista é clara. Ouçamos ainda o testemunho de Ellen White: «O memorial de Deus, o Sábado do sétimo dia, o sinal da Sua obra em criar o mundo, foi removido pelo homem do pecado. O povo de Deus tem uma obra especial a fazer em reparar as brechas feitas em Sua lei; e quanto mais nos aproximamos do fim, tanto mais urgente se torna essa obra.» (*Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 503).

Resumamos: A Igreja Remanescente deve preparar a volta de Cristo, à semelhança de João Baptista; para isso o seu surgimento é fixado para 1844; a sua missão é pregar o evangelho eterno, isto é, toda a Bíblia e só a Bí-

blia, sem esquecer a lei de Deus e, particularmente, o Sábado.

No decurso de uma entrevista com o rei Agripa, o apóstolo Paulo fez-lhe esta pergunta: «Crês tu nos profetas?» (Actos 26:27). No que me diz respeito, não hesito em responder: «Sim, creio nos profetas». A minha Igreja está investida de uma missão profética. É simultaneamente um privilégio e um desafio!

1. Cf. Morris Venden, *The Return of Elijah*, Pacific Press Publishing Association, 1982.

2. Cita-se também Hebreus 9:11, onde o texto grego não diz que Jesus atravessou os Céus.

3. A palavra hebraica não existe no singular

4. Cf. E.G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 727: «Daí em diante [da ascensão], devia o Salvador officiar como Sacerdote e Advogado no Céu dos Céus.»

Georges Stéveny, secretário da Divisão Euro-Africana.

JUVENTUDE

SALVEM OS NOSSOS JOVENS!

JOHN GRAZ



Eles são a força viva da Igreja de hoje e de amanhã.

Todavia, parecem estar na igreja como visitas de passagem.

Esqueceremos nós que Jesus jamais os negligenciou?

Sou pai de três rapazes de 17, 13 e 12 anos de idade. Durante os primeiros oito anos do meu ministério trabalhei com os nossos jovens, e em 1986 fui nomeado director da Juventude da Divisão Eu-

ro-Africana. Os olhos com que vejo a nossa juventude são simultaneamente os de um pai que ama os seus filhos e treme pela sua salvação, e os de um responsável de jovens. Olho para os jo-

vens como se fossem mesmo meus filhos e acontece-me tremer ao pensar na sua salvação.

Sendo igualmente um evangelista, sinto-me orgulhoso de que a nossa prioridade seja a pregação do Evangelho. Mas, ao mesmo tempo, gostaria de dizer a todos — pastores, administradores e membros: «Pensem nos nossos jovens, pensem nos nossos filhos!» Para ser mais directo, clamaria mesmo: «*Salvem os nossos jovens!*»

A juventude é o capital n.º 1 da Igreja. Quando um homem de negócios ouve pronunciar a palavra «capital», dois verbos lhe acodem imediatamente ao espírito: «Proteger» e «frutificar». E nós, que fazemos do nosso capital? Que lugar damos à juventude na vida e nos projectos da igreja?

Não percamos o nosso capital n.º 1

Quando me tornei adventista, tinha 18 anos. A pequena igreja que me recebeu contava uma dezena de jovens entre os 15 e os 25 anos. Cinco anos mais tarde, não restava nenhum deles. A perda fora de 100%. Que aconteceu? Não creio que alguém tenha procurado as causas desse desastre. Embora com sofrimento, aceitaram-no.

Todas as vezes que visito aquela comunidade, fico impressionado com o número relativamente grande de crianças. Mas quase todas, inexoravelmente, acabam por deixar a igreja após os 16 anos. Quer dizer, quando já não são obrigadas a acompanhar os pais.

Com a vinda de adventistas de outras regiões, e

com algumas conversões, a minha pequena igreja conta hoje cerca de 30 membros. Se ela tivesse sabido — se tivesse podido! — guardar 80% dos seus jovens, teria hoje mais de 100 membros.

Em todo o mundo, somos hoje mais de 5 milhões. Isso me alegra muito. Mas, se tivéssemos conservado 80% das nossas crianças e jovens, seríamos mais de 20 milhões! Que pena! Que hemorragia! Em certos países, sem a presença de escolas, a hemorragia seria ainda maior!

Visitas permanentes que são esquecidas

Na igreja, as crianças são um pouco como certas visitas permanentes: acabamos por nos esquecer da sua presença! Elas, pelo contrário, observam, comparam discurso e actos. Um dia decidirão ficar ou ir-se embora.

Conheci igrejas onde o tema de todas as conversas era a evangelização. É óptimo. Mas enquanto elaboravam plano após plano e concretizavam acção após acção para atrair pessoas à igreja, esqueciam e negligenciavam totalmente a juventude da própria igreja.

Às vezes acontecia que após grandes esforços conseguiam ganhar uma alma para o Evangelho. Porém, nesse mesmo período de tempo, 5, 6, 10 jovens, filhos da igreja, abandonavam-na. Deixavam de se interessar por uma igreja que não se interessava por eles.

Paremos com a hemorragia

Esta hemorragia pode e deve ser estancada. Co-



mo? Claro está que o papel da família é determinante. Tal como o da escola. Deveríamos poder dispor de uma densa rede de escolas adventistas.

Todavia, na Europa — e noutros sítios — a família encontra-se doente e temos falta de escolas. Num tal contexto, é essencial poder contar com um movimento de jovens que, simultaneamente bem organizado e qualificado, seja capaz de levar os nossos filhos a Jesus Cristo. Tal movimento depende da consagração e competência dos seus animadores. Depende igualmente do apoio de toda a Igreja.

Formar bons animadores de Jovens

Que se entende por um animador de jovens? Um bom animador de jovens, não somente guarda todos os seus filhos, mas conquista também outros jovens para Cristo. É alguém que ama a Deus e que ama também os jovens de que a igreja o encarregou. Nunca será de-

mais dizê-lo. Mas é também alguém *competente*.

Quantas vezes confiamos os nossos jovens a animadores de boa vontade mas pouco qualificados? Nada há de mais elevado do que trabalhar com os jovens. Mas isso exige uma verdadeira formação. O desafio é excepcional e vale a pena!

Essa é a razão porque cada comunidade deveria estabelecer um plano de formação para os seus dirigentes da juventude. Essa é a razão porque, na nossa Divisão, escolhemos a *formação* de animadores de jovens como uma das nossas três prioridades. As outras duas são o desenvolvimento dos clubes de Tições e Desbravadores e a evangelização.

Ao salvar os nossos jovens estaremos a ganhar outros. Porquê? Porque uma igreja que sabe conservar os seus jovens é uma igreja que atrai.

Verdadeiras campanhas de evangelização

O trabalho em favor dos jovens deve ser consi-

derado como uma autêntica obra de evangelização. Um congresso, um *camporee*, uma semana de oração, um acampamento são, cada um à sua maneira, campanhas de evangelização. O seu objectivo é levar os jovens a Cristo, tomando simultaneamente em consideração as suas necessidades e a sua personalidade. Trata-se de acompanhá-los no «encontro» que Jesus lhes marca.

Há dois anos, 300 dos 700 desbravadores presentes no *Camporee* da Juventude Adventista da Divisão pediram o baptismo. No ano passado, aquando da Semana de Oração e Evangelização de Paris, 30 jovens exprimiram publicamente o seu desejo de serem baptizados. Entre eles, vários não adventistas.

Algumas semanas mais tarde, durante o Encontro de Burges (França), foram 150 os jovens que responderam a um apelo para o baptismo. E todavia, supunha-se que a maioria já seriam jovens baptizados.

Alguns leitores talvez fiquem surpreendidos ao saber que dos milhares de jovens que participam nos acampamentos de Verão levados a efeito pela nossa Igreja, cerca de 15 a 30% não são adventistas. Muitos deles encontram ao Senhor nessa ocasião. De facto, um acampamento dirigido com fé e competência é uma verdadeira campanha de evangelização.

Um tesouro no campo

O célebre fabulista Jean de La Fontaine conta a história de um pai que ao morrer confiou um segredo a seus três filhos:

«Há um tesouro no campo», disse-lhes ele. Então, pondo de lado a sua preguiça, os filhos puseram-se a revolver a terra, retiraram-lhe os espinhos, as pedras, as ervas e o mato. Nunca chegaram a encontrar o tesouro. Mas bem depressa compreenderam que o tesouro era o campo.

O tesouro da Igreja é a sua juventude. Muitas comunidades ainda não o compreenderam totalmente. O tesouro continua escondido, esquecido. Como o macedónio que apelava a Paulo, a juventude dirige-se também a nós e à Igreja e lança-nos este grito: «Salva-nos!» Olha bem para a tua casa: os teus filhos precisam de ti. Também eles querem ser salvos!

Há algo que está a acontecer com a nossa juventude da Europa. Creio que dentro em breve veremos um despertar. Mas aqui, como em qualquer outra parte, temos absoluta necessidade de edificar, com a ajuda do Senhor, um sólido movimento de jovens. A nossa prioridade é a evangelização. A juventude pode tornar-se uma ponta de lança. Sem a ponta, a lança que se arremessa nunca atingirá o seu objectivo e seria de facto uma pena deixá-la enferrujar a um canto, por falta de interesse.

O nosso objectivo é construir um grande movimento de jovens que se empenhe naturalmente na proclamação do Evangelho. Naturalmente, porque a evangelização é uma extraordinária aventura, e os jovens amam a aventura.

John Graz, departamental de Jovens da D.E.A.

«LEALDADE AO SENHOR»

JOSÉ CARLOS COSTA

Tempo Particular

Vivemos um tempo particular na história do mundo com o florescimento e aperfeiçoamento de novas tecnologias; umas para melhorar o nível de vida das populações, outras com o único fim de causar sofrimento, terror e morte.

Não ignoramos que este tempo é particular para o mundo, mas é-o especialmente na história do Plano da Redenção.

Florescimento não é só sinónimo de Primavera, início de vida, mas é também sinónimo de Outono, folhas que caem, fim da vida.

O nosso mundo está no fim da vida, princípio de novas coisas (Apocalipse 21:4), que são: Vinda de Jesus, Lar dos Salvos. Antes porém, há uma missão a cumprir, uma mensagem a ser proclamada (Apocalipse 14:1-12). Quem a deve proclamar? Os anjos? Jesus? Um povo (Apocalipse 14:12) perseverante no cumprimento da Palavra, para quem a mensagem do Criador é o desenvolvimento comum, a coisa essencial, um povo que tem fé em Jesus; e a fé de Jesus não se atemoriza nem com o amanhã, nem com o que lhe possa suceder, um povo que confia na mensagem (João 14:1-3). Esta mensagem é

a sua esperança e a sua espera. Mas é um povo que guarda os mandamentos de Deus (Êxodo 20:1-11), e também o mandamento que Jesus proclamou antes de ascender ao céu (Mateus 28:18-20): «Ide por todo o mundo, ensinai a guardar todas as coisas que vos tenho ensinado, e eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos.»

Proclamar é tarefa de um povo, mas a força e o poder é dado por Alguém que tem «o poder do céu e da terra.» E isto nos basta para realizar esta missão com o entusiasmo dos santos homens e mulheres do passado. O tempo é difícil.

Os dias de hoje são mais difíceis do que nunca, porque nunca antes tanta erva daninha foi semeada no campo que o Lavrador preparou, nunca tanto materialismo, imoralismo, violência, descrença, nunca tantas doutrinas «cristãs». Mas este é o tempo de semear a «boa semente» com perseverança e confiança, que é o Senhor que dá o crescimento.

Um programa, um modo de vida

A mensagem para o tempo presente, ou tempo do fim, deve ser certa-

mente um modo de vida, que passa naturalmente por vidas transformadas. É urgente e até mesmo indispensável que o povo do Senhor faça uma viragem de 180.º nas suas vidas, uma viragem como o esquiador que a alta velocidade pára na beira do abismo e calmamente retira o esqui do seu pé esquerdo, depois o do direito e orienta-se na direcção dos 180.º para fugir da morte, que esteve para acontecer. Desta mudança, ou melhor, desta conversão, depende também a salvação de muitos seres humanos. Eles têm necessidade de verem e de ouvirem o testemunho de vidas transformadas.

Testemunho

«Como testemunhas de Cristo, cumpre-nos dizer o que sabemos, o que temos visto, ouvido e sentido. Se estivemos a seguir a Jesus passo a passo, havemos de ter qualquer coisa bem positiva a contar acerca da maneira por que nos tem conduzido. Podemos dizer como Lhe temos provado as promessas e as achado fiéis. Podemos dar testemunho do que temos conhecido da graça de Cristo. É esse o testemunho que nosso Senhor pede de nós, e por falta do qual está o mundo a perecer.» *Desejado de Todas as Nações*, 3.ª edição, p. 252.

A nossa vida deve ser consagrado conduzido pelo qual a vida do céu possa passar para os homens que vivem sem Deus, mas que pela apreciação de vidas consagradas e pelo testemunho da palavra aceitarão a mensagem de vida.

Quando estudávamos em Collonges, houve um tempo em que, para so-

brevivermos, trabalhávamos na agricultura de quintais em casa de certas famílias francesas. Certo dia de Inverno, uma das pessoas para quem trabalhava pediu-nos ajuda, a água entrava numa das principais salas da sua casa. Calmamente subimos ao telhado, com o auxílio de uma escada, e pudemos verificar que o algeroz estava cheio de folhas de carvalho; retirámo-las e a água começou a circular normalmente pelo conduto e assim o problema foi resolvido.

Quantas folhas impossibilitam que a chuva do Espírito Santo seja derramada na nossa vida, na vida dos filhos de Deus! Orgulho, egoísmo, vícios, alterações nervosas, morridão são folhas que impedem bênçãos nas nossas vidas e bênçãos para a Igreja. O profeta Zacarias (4:6) diz: «Nem por força nem por violência, mas pelo meu Espírito.» O Espírito do Senhor está pronto e há muito tempo que Ele tem apelado ao nosso coração; no entanto pouco ou nada Ele pode fazer, sem uma decisão nossa. Hoje nós podemos tomar essa decisão: «A primeira coisa a ser aprendida por todos os que desejam tornar-se coobreiros de Deus é a desconfiança de si mesmos.» *Desejado de Todas as Nações*, 3.ª edição, p. 180.

«Não é prova conclusiva de que um homem é cristão o manifestar ele êxtases espirituais sob circunstâncias extraordinárias. *Santidade não é arrebato; é inteira entrega da vontade.*» — *Actos dos Apóstolos*, p. 51.

«Verdadeira santidade é integridade no serviço de Deus.» — *Parábolas de Jesus*, p. 48.

«Homens e mulheres decididos, que se entregam de todo o coração, são os que hão-de subsistir neste tempo.» — *Serviço Cristão*, p. 236. Se são os que se entregam ao Senhor de todo o coração que hão-de subsistir neste tempo particular, podemos hoje tomar esta decisão com Deus. O resultado será certamente o

crescimento da Igreja do nosso Deus.

«O povo de Deus aproxima-se dos limites do mundo eterno; que lhes pode importar mais do que serem leais ao Deus do Céu?» — *Profetas e Reis*, p. 148.

José Carlos Costa, Departamental de Jovens e Ministérios da Igreja.

JANELAS SOBRE O MUNDO

A DECISÃO É VOSSA

EDNA JEWELL

Conta-se a história de um ancião que vivia numa certa vila e era quase uma autoridade sobre qualquer tema. A sua vida fora cheia de experiências emocionantes e inspiradoras. As crianças e jovens adoravam ouvir os seus fascinantes relatos. Para ele não havia perguntas difíceis nem complicadas. Era de facto um génio!

Quando alguns destes meninos chegaram aos anos da adolescência, decidiram provar que eles eram mais inteligentes do que o ancião. E então passavam horas e horas pensando em perguntas impossíveis. Mas o ancião conseguia dar-lhes a resposta correcta.

Certo dia acharam que finalmente tinham a pergunta que o derrotaria. Apanhariam um pássaro e segurá-lo-iam nas mãos, atrás de si. Perguntariam então ao ancião se o pássaro estava vivo ou morto. Se ele respondesse que estava vivo, apertavam-no com força e deixavam-no cair aos seus pés. Se dissesse que estava morto, soltavam-no para que voasse.

Excitados, dirigiram-se para o local onde o ancião se encontrava. Era a sua oportunidade de lhe demonstrarem que

ele também se enganava. E, com ar decidido, enfrentaram-no:

— Senhor, tenho um passarinho na minha mão. Está vivo ou morto?

O homem pensou uns instantes e a seguir respondeu:

— Filho, a decisão está nas tuas mãos!

Na nossa relação diária com Deus, temos também uma decisão a fazer e a decisão está nas nossas mãos. «Deus concedeu-nos a faculdade de escolher, compete-nos exercitá-la. Não podeis mudar o vosso coração, não podeis por vós mesmos consagrar a Deus as vossas afeições; mas podeis decidir servir-l'O. ...Entregando a Cristo o vosso querer, aliais-vos com o poder que está acima de todos os principados e potestades. Ser-vos-á comunicada força do Alto para ficar firmes, e assim, entregando-vos constantemente nas mãos de Deus, ficareis habilitados a viver a nova vida, a vida da fé.» — *Aos Pés de Cristo*, 6.ª ed., p. 49.

A decisão está nas nossas mãos. E graças a Deus, «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece» (Fil. 4:13)!



A MULHER ADVENTISTA

MARIA ROSA SABOGA NUNES

Muito se tem dito e muito se tem escrito nas últimas décadas sobre o papel desempenhado pela Mulher, tanto no lar como na comunidade em geral onde se insere. Não raro, este discurso fere a sensi-

bilidade dos habituados aos padrões que o Evangelho sugere e lembra o desvio acentuado que se operou no plano do Criador para a humanidade, desvio que desvirtuou (entre outras coisas) o lu-

gar e o valor edénicos da Mulher.

A Mulher Adventista deve estar atenta a todo este discurso, deve estar preparada para distinguir as «vozes» que se levantam, deve saber aproveitar de tudo quanto de positivo se aclama e deve saber rejeitar o que nada tem a ver com aquele grande propósito de vida que o Senhor lhe conferiu. Deve também, ela própria, tomar iniciativas para ser elemento de dinamização, fazendo ouvir o som certo que a hora exige — hora de interrogação e de agitação, sentidas em todas as dimensões da vida. Porém, para ir ao encontro dos outros, ela precisa de se encontrar a si própria. É quando o ruído humano silencia que o auto-encontro se torna mais possível. É no fruir dos sons naturais que se transmite à alma a dimensão alta do sentir: a Mulher Adventista deve tomar tempo para saber ouvir o barulho das fontes, o sibilar do vento, o canto das aves, a mensagem de sua própria consciência — «vozes» que ainda restam a lembrar-lhe o LAR donde veio e para onde caminha. A busca desta atitude contemplativa não é de forma alguma uma fuga do mundo, entenda-se antes como um recolhimento. Fuga e recolhimento são, com efeito, dois actos totalmente distintos. A alienação dos deveres não é experiência da vivência em nossas fileiras, mas o referido recolhimento é indispensável, sendo passo propício à aquisição de uma coragem esclarecida para um envolvimento a fundo na vida: a Mulher de hoje de-

ve estar preparada para responder e para questionar, disponível a ajudar e a ser ajudada, disposta a dar e disposta a receber. E, naquele contexto de recolhimento, a voz de Deus, através de Sua Palavra e Seu Espírito, ensinar-lhe-á o necessário e o essencial para saber SER e saber ESTAR à altura da vocação prática da vida quotidiana. Na aceitação da graça de Jesus e no cumprimento dos seus mandamentos, encontrará o verdadeiro equilíbrio da vida e respectivo sentimento de responsabilidade para a participação pluridimensional que o lar, a Igreja e a comunidade exige hoje dela.

Ouve-se e lê-se com frequência que é dever de cada um contribuir para um mundo melhor; desta forma se espera que a Mulher seja também elemento eficaz na transformação deste mundo. E existe, com efeito, um modo de deixar este mundo melhor: é partir da atitude reflexiva junto de Deus e das coisas que d'Ele lhe falam (EM DEUS); é passar pela constante transformação pessoal e individual na busca de aperfeiçoamento (POR DEUS); é chegar com a resposta corajosa aos apelos que vêm do lar, da Igreja, da comunidade (COM DEUS).

No LAR, a Mulher Adventista dá resposta ao leque de suas responsabilidades, atribuindo-lhes peso adequado em hora certa; se é esposa, procura a felicidade de seu marido na busca desse «calor da verdadeira amizade, do amor que liga coração a coração, que é um antegoço do céu»; se é mãe,

educa os seus filhos de modo a que sejam «úteis neste mundo e estejam preparados para o mundo melhor», sabendo que é esta a sua tarefa mais santa; toma parte nas diversas actividades que tornam a CASA o lugar onde os elementos da família gostam de estar. Fecha os olhos a coisas fúteis e pecaminosas, mas encontra tempo para ler e conhecer os conselhos da Bíblia e do Espírito de Profecia que lhe dizem respeito e procura praticá-los. O Lar constitui, sem dúvida, o apelo primordial da sua vida e a sua justa consecução capacita-a a solucionar as outras questões.

Na IGREJA, a acção da Mulher foi sempre de grande valor: o exemplo de sua piedade *inspira*; o conselho de sua palavra, onde a coerência e o amor se fundem, *esclarece*; a tarefa que zelosamente empreende, porque solicitada/porque toma a iniciativa, *encoraja*.

A Mulher Adventista procura responder convenientemente aos apelos que a COMUNIDADE lhe faz: cumpre o trabalho onde se envolve (e do qual usufrui recompensa monetária) como se fora um verdadeiro apostolado — sabe que é alvo de análise (por parte de seus colegas, de seus superiores, de seus subordinados) e sabe que do modo como actua resultará impressão negativa ou positiva em relação à mensagem que defende; por isso, o seu comportamento não é desordenado mas obedece a um pendor que lhe advém da experiência fecunda com Cristo. Está atenta às necessidades de ordem geral dessa comu-

nidade e é a primeira a envolver-se em obras de índole social (não remuneráveis), acudindo aos necessitados — de ordem espiritual, de ordem moral, de ordem física, de ordem material.

Com a palavra e a acção ajustadas à circunstância da hora, a MULHER ADVENTISTA eleva-se e eleva o LAR, a IGREJA e a COMUNIDADE. Reconhece que foi chamada para esta responsabilidade e cumpre-a com devoção.

Mas, perante a corrida ruidosa dos dias que pas-

sam, não esqueça ela o essencial: os pintores estão em silêncio quando pintam: a música escreve-se na solidão. Quem ousaria dizer que o mundo não tem necessidade de pintores nem de músicos? Precisamos dessas e de outras manifestações de arte sobre a terra da mesma forma como precisamos de pão, e a alma humana tem necessidade do silêncio para se auto-encontrar e para tomar contacto com tudo aquilo que neste lar terrestre lhe lembra «o rio de cristal e os campos verdejantes,

as árvores farfalhantes e as fontes vivas, a cidade resplendente e aquele mundo de beleza que nenhum artista pode pintar, nenhuma língua mortal descrever».

Que haja também entre nós esta atitude de recolhimento que há-de fazer crescer o desejo do cumprimento da palavra que diz:

«COM CRISTO ANDAREMOS AO LADO DAS ÁGUAS VIVAS»

Maria Rosa Saboga Nunes, responsável pela Associação de Esposas de Pastores em Portugal.

JANELA POÉTICA

Não me Apressarei

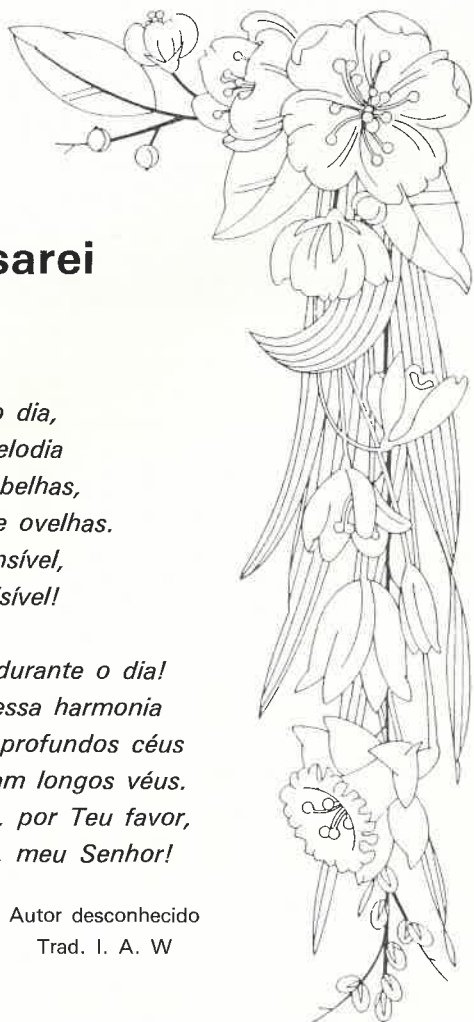
— Lucas 10:40-42 —

*Eu não me apressarei durante o dia,
mas pela estrada escutarei a melodia
das aves a trinar, zunzuns de abelhas,
das copas o sussuro e a voz de ovelhas.
E em meio a tudo buscarei, sensível,
vislumbres de Ti mesmo, ó Invisível!*

*Eu não me apressarei durante o dia!
Hei-de orar, meditar nessa harmonia
de Tua obra, de Teus profundos céus
onde as núvens arrastam longos véus.
E um momento, talvez, por Teu favor,
de Ti colha murmúrios, meu Senhor!*

Autor desconhecido

Trad. I. A. W



Caldas da Rainha: Nós e a Crise Final

No encetar de cada novo ano, todos aqueles que procuram encontrar um sentido existencial para a sua vida delineiam planos visando melhorar ou confirmar aspectos das suas vidas.

Foi nesta linha de orientação que a Igreja de Caldas da Rainha viveu momentos positivamente espirituais no dia 9 de Janeiro.

Assim, foi planeado com os membros um dia de oração e jejum. Objectivo: procurar, *experimentando*, uma viva relação com Jesus, no sentido de encontrar confiança para enfrentar a crise final. Nada melhor para atingir este fim do que preparar previamente o corpo e o espírito para essa relação.

Esta experiência reuniu 3 encontros especiais:

1.º Reunião de pôr-do-sol, na sexta-feira, com o Pr. Luís Nunes. Realço os diferentes tipos de oração que experimentámos: orações sobre problemas

específicos e pessoais; orações silentes, tentando ouvir a voz de Deus, e, por fim, orações de âmbito geral.

O 2.º encontro desta experiência foi vivido durante o dia de Sábado. O culto, preparado pelo ancião Mário Jorge, centrava-se na «Preparação para a crise final».

Durante a tarde, o tema «Igreja em acção» foi desenvolvido pela ir.ª Alcides Pereira. Foram focados vários métodos de trabalho missionário a empreender pela igreja. Vários irmãos expuseram os seus testemunhos neste campo.

O final de Sábado foi vivido novamente com a presença do Pr. Luís Nunes e sua família.

Terminámos do mesmo modo como começámos — orando — a nossa fonte de poder para vencer! — *Eugénia Gomes*, Vice-directora de Jovens.

Vale Travelho, Porto de Mós: Funerais Adventistas dão Testemunho

De Maio a Dezembro de 1987, faleceram em Vale Travelho, Porto de Mós, três fiéis membros da Igreja Adventista: a irmã Luísa de Sousa e os irmãos Carlos Soares e Eduardo de Sousa. Foram sepultados no cemitério das Pedreiras.

Três funerais adventistas no mesmo cemitério! Nunca tal se tinha visto naquela região. A Palavra de Deus foi lida e comentada, cantou-se o hino n.º 377 «Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti». Falou-se da esperança da ressurreição e do amor de Cristo. Havia olhos e ouvidos bem atentos ao que se fazia e dizia e pudemos mesmo escutar alguns comentários:

— Isto é muito sério!

— Mas afinal eles também são cristãos!

— Este funeral é melhor dos que os da nossa Igreja, porque dá mais consolação...

Pensamos que estas e outras frases deram a volta à freguesia e que o conceito que tinham sobre os Adventistas passou a ser diferente. E a prová-lo, no último destes funerais, fomos abor-

dados pelo sr. Padre Virgílio, que tem a seu cargo as igrejas das Pedreiras, e ele nos perguntou se estaríamos dispostos a participar juntamente, Católicos e Adventistas, na sua semana de oração por intenção da união dos cristãos, a ter lugar de 18 a 25 de Janeiro.

Apresentámos-lhe o Pr. Paulo Mendes, que tinha celebrado o funeral, e eles conversaram e combinaram que a reunião do dia 25 seria dirigida pelo Pastor Adventista.

No dia designado, o salão da Junta de Freguesia estava cheio e todos muito atentos e interessados. A meditação foi excelente. Os cânticos foram entoados com vigor e entusiasmo, as orações foram inspiradoras. O ambiente era solene. No final, todos esperávamos que os corações fossem tocados e que a esperança que nos anima habitasse também o coração daqueles cristãos, que se tornassem obedientes ao nosso Criador. Temos a certeza de que o Senhor esteve connosco.

Outros encontros estão já pro-

gramados. Fizemos deste assunto um motivo de oração, pois esperamos que almas sinceras destes lugares se tornem fiéis seguidores de Jesus. Gostaria-

mos que outros irmãos se nos unissem neste mesmo propósito. Quem pode avaliar o resultado desta pequena semente! — *João Luís Beato*.

Funchal: Colportor obtém autorização para visitar Escolas do Arquipélago

Há três anos que o Ir. Carlos Jales se deslocou do Continente para a Pérola do Atlântico e ali tem espalhado os nossos livros e revistas como folhas de Outono.

Durante 1987 trabalhou 1.828 horas, deixou nos lares 1.375 livros e fez quase 1.000 assinaturas das nossas revistas.

Como muitas vezes surgem entraves aos Colportores ao visitarem as escolas, o Carlos pensou entrar em contacto com o Governo Regional para obter autorização de visitar todos os estabelecimentos de ensino. Tentou uma entrevista, assim como também tentou o contacto enviando uma carta ao Secretário da Educação, mas não obteve resposta.

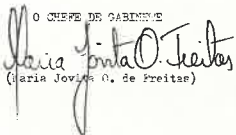
Um dia, cruzou-se numa rua com o Secretário da Educação do Governo Regional e perguntou-lhe porque não tinha dado

resposta à sua carta. O Secretário disse-lhe que não tinha sido informado de nada e que nem conhecia a nossa organização. O nosso colportor resolveu imediatamente a situação e ofereceu-lhe uma assinatura da revista «SAÚDE E LAR».

Passou-se um ano, e noutra ocasião de rua, o Carlos ao ver o Sr. Secretário da Educação, pergunta-lhe qual a opinião acerca da revista. Em resposta o Sr. Secretário disse-lhe para passa: no seu gabinete.

Quando o irmão Jales ali chegou tinha uma agradável surpresa: uma autorização escrita para visitar todos os estabelecimentos de ensino do Arquipélago.

Assim se comprovou que, se nos esforçarmos, unir-se-á a essa acção o poder divino. O que sempre produzirá interessantes resultados.

 REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA GOVERNO REGIONAL SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA DIRECÇÃO REGIONAL DO ENSINO DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS DO ENSINO PRÉ-PRIMÁRIO E PRIMÁRIO			
EXMO. SENHOR CARLOS CRISTO FONSECA JALES CAMPO DO SANTO ANTÓNIO, 168 9000 FUNCHAL			
430 / 5.3		Apartado 716 9009 Funchal Códex Data: 22.08.1987	
R/ referência 16-495/87	R/ comunicação	R/ referência 16-495/87	ASSUNTO: "SAÚDE E LAR"
Conforme solicitado por V. Exa., informa-se que por despacho de 20/10/87, de Sua Excelência o Secretário Regional da Educação, foi autorizado a visitar as Escolas do Ensino Primário para a divulgação das revistas de saúde e educação.			
Mais se informa que os contactos que venha, eventualmente, a ser efectuados com os senhores professores, de modo algum poderão originar interrupções na sua actividade docente.			
Com os melhores cumprimentos,			
O CHEFE DO GABINETE  (Maria Joviana A. de Freitas)			

Aguardando a Ressurreição

Pastor João Cordas Tavares

No passado dia 22 de Janeiro, fomos surpreendidos com a notícia do falecimento do Pastor João Cordas Tavares. Tinha 55 anos.

Vindo de Angola, onde viveu os momentos difíceis e convulsivos da sublevação das forças nacionalistas africanas e, mais tarde, da independência, o Pr. Cordas Tavares nunca chegou a recuperar completamente dos traumas que o afectaram física e psicologicamente. A sua vida foi então de constante sofrimento e angústia, agravados pela neurose e esgotamento físico. Por isso foi reformado prematuramente já em 1984, embora esporadicamente continuasse a prestar a sua colaboração à Igreja, especialmente na área de Nisa, onde residia.

O percurso ministerial do Pr. Cordas remonta ao ano de 1960, quando foi convidado para trabalhar como professor na escola adventista do Bongo, em Ango-

la. Trabalhador infatigável, homem consagrado ao seu Deus e à Sua causa, bem depressa foi chamado a outros deveres, tornando-se missionário e pastor, e Director do Campo Missionário da Namba, até que, esgotado e compelido pelas circunstâncias políticas, regressou a Portugal. Doente durante algum tempo, parecia ter algumas melhoras, pelo que recommençou a trabalhar como pastor na região de Nisa e Ribeira de Nisa, mas as suas condições físicas agravaram-se e, como referido, foi aposentado.

O Ir. João Cordas Tavares era casado com a Ir.ª Felícia, sua companheira durante 28 anos, que sempre o secundou no seu apostolado missionário e que agora também se encontra bastante doente. A ela e à filha de ambos, Maria João Tavares Mourato, bem como ao marido, Ir. Isaudindo Mourato, e demais família, a Igreja, através da Revista Adventista, apresenta sentidas condolências.

zona do Norte, no fim do qual seria levantada uma oferta para o novo lugar de Culto em Ermesinde. Assim, no domingo dia 16 de Janeiro, pelas 18 horas, a igreja do Porto enchia-se com uma grande assistência vinda das diversas igrejas do Norte para assistirem à Cantata dos tempos festivos supriamente apresentada pelos jovens de Coimbra. Aquelas duas horas de programa deleitaram-nos; deram-

-nos uma imagem clara daquilo que o talento dos jovens adventistas pode fazer quando é posto em acção com entusiasmo e boa vontade.

No final levantámos uma oferta que rendeu cerca de 65 contos. São mais uns quantos degraus na nossa esperança de que o progresso em Ermesinde se tornará uma realidade — *José M. Matos*, Pastor.

Aguardando a Ressurreição

Maria Pereira da Silva Dias

Adormeceu cerca das 13,30 horas, no dia 21 de Dezembro de 1987, a Irmã Maria Pereira da Silva Dias, pioneira na fé. Faltaram-lhe 26 dias para contemplar o seu 81.º aniversário, do qual ela me falou algumas vezes em expectativa.

Baptizada pelo Pastor Otto Ide a 28 de Setembro de 1940, a Ir.ª Maria Dias permaneceu em Avintes como um baluarte da fé no Advento. A aceitação da mensagem do terceiro anjo levou-a a provar a sua fé no lar, na vizinhança e, até à última etapa da sua vida, no hospital. Numa das últimas reuniões a que assistiu na igreja ainda recordou, testemunhando, a década de 40 — o tempo em que, para se assistir às reuniões na Igreja do Porto, se ia e vinha a pé, com Sol ou chuva, de Verão ou de Inverno. Nisto deu ela aos filhos um exemplo de dedicação ao Evangelho. Como resultado, um dos filhos tornou-se Pastor — o Ir.º Joaquim Dias.

Da personalidade forte que a nossa Ir.ª Maria Dias possuía, o

que mais me impressionou foi a sua fidelidade escrupulosa, tanto no assistir às reuniões como na sua preocupação imediata em devolver a Deus o que Lhe pertencia e, simultaneamente, a resposta sempre generosa a todos os empreendimentos da Igreja.

De cada vez que a visitei nas últimas semanas, repetiu-me sempre, com um misto de tristeza e inquietação no olhar: «Tenho ânsias da nossa Igreja, Ir.º Pastor!» Efectivamente, a saudade da igreja e o desejo de aí voltar foram compensados — o seu corpo repousou na igreja que tanto amava durante a última noite e as derradeiras horas do dia 22 de Dezembro, antes de descer à sepultura.

A certeza do regresso de Jesus e a esperança da vida eterna estavam e ficaram bem vinculadas no coração desta nossa saudosa irmã. Este facto serve de consolação aos inúmeros familiares que ficaram na expectativa do dia da ressurreição. A igreja de Avintes partilha deste mesmo sentimento. — *Ezequiel Quintino*, Pastor.

Ermesinde: Uma nova Igreja?

A Igreja de Ermesinde formou-se faz agora exactamente oito anos. Um grupo de irmãos da igreja do Porto residentes nesta populosa vila ou nos arredores meteram mãos à obra, formaram um grupo homogêneo, animoso, alugaram uma sala, originaram uma igreja.

A velha sala de Ermesinde realizou a sua função durante estes anos. Desenrolaram-se as actividades da igreja nesse lugar; o trabalho de evangelização progrediu, mas todos pressentimos que tanto a sala como a sua localização estão longe de corres-

ponder às necessidades e objectivos dos irmãos daquela localidade. É urgente um novo local de culto, tanto mais que o senhorio da sala à qual tenho vindo a fazer referência, decidiu que lha entreguemos até meados deste ano de 1988. Teremos de o fazer, pois já constava das cláusulas do contrato inicial este privilégio outorgado ao senhorio.

Foi neste contexto que um grupo de irmãos de Ermesinde decidiu convidar os jovens da igreja de Coimbra para apresentarem um programa musical na



Eduardo Santiago

Faleceu, no passado dia 16 de Dezembro de 1987, este nosso irmão, com a provecta idade de 92 anos. Era membro da igreja de Sangalhos e pai do nosso irmão António Santiago e, portanto, avô das nossas prezadas irmãs Maria Augusta Lopes, professora da nossa escola Infanta D. Joana, em Lisboa, Ilda Santiago Cardoso, esposa do Pr. Júlio Cardoso e Ercília Santiago, obreira bíblica, actualmente com um ano de licença.

A cerimónia fúnebre foi dirigida pelo signatário, primeiramente em casa e depois no cemitério, tendo a oração final sido pronunciada pelo Pr. Júlio Cardoso, que como familiar estava também presente. Assim nos despedimos deste nosso irmão com a firme esperança de que o haveremos de reencontrar na manhã gloriosa da ressurreição, conforme era a sua fé e esperança no seu Senhor. — *M. N. Cordeiro*, Pastor.

Brasil, S. José do Rio Preto: ex-craque da selecção muda de equipa



Prandi (ao centro), acompanhado por seu filho, o cunhado Marcos (à esquerda) e o Pastor Stina (à direita).

Nelson Prandi, ex-jogador de futebol, foi baptizado em São José do Rio Preto, no dia 3 de Outubro, em meio da festa do 1.º Congresso Distrital Anual, dirigido pelo pastor Neumoel Stina.

Natural de Uchoa, SP, onde começou a jogar futebol, Prandi jogou também no América Futebol Clube, de São José do Rio Preto. Em 1976, chegou à selecção brasileira, com a qual viajou (na condição de titular) para a Europa, África e Ásia.

Apesar de ser de família tradicionalmente católica, Nelson casou na Igreja Adventista do Sétimo Dia com Mércia Eliete Prato. Do casamento nasceram três filhos: Márcio Rodrigo, Daniel e Marcos Sérgio.

A cerimónia baptismal foi realizada pelo pastor Dijael dos

Santos. Na ocasião, outras nove pessoas foram baptizadas, entre elas o seu filho Márcio Rodrigo e o cunhado Marcos Sérgio Prato.

De acordo com o Pr. Stina, mesmo enquanto jogava futebol, Prandi sempre lia a Bíblia. A decisão, porém, veio com a realização da sua parte do Seminário do Apocalipse. Além disso, contribuiu muito também para sua conversão o testemunho da esposa e seus familiares.

«Depois de trocar a bola pela Palavra de Deus, Prandi não ensaia mais jogadas de futebol; está agora planeando uma outra grande 'jogada' — como levar a Mensagem a seus familiares que não conseguem, por enquanto, conviver com a ideia de ter um filho 'crente'», conclui o Pr. Stina.

Brasil, Sumaré: Mensagem de Saúde através da Rádio

Desde Maio do ano passado, os médicos do Instituto Médico White, sediado em Sumaré, SP, têm um programa de saúde na rádio, intitulado «O Médico de Família», que consta de palestras e entrevistas sobre saúde, e no qual são apresentados os princípios adventistas de saúde.

Tudo começou há cerca de um ano, quando começaram a publicar uma coluna sobre saúde no *Jornal de Sumaré*. Con-

tantes com os resultados obtidos, empenharam-se em conseguir um programa na rádio. Obtiveram 30 minutos semanais, em horário nobre.

No final de cada programa, os ouvintes são incentivados a participar por telefone ou cartas e são convidados a fazer o curso bíblico «Encontro com a Vida». A recepção tem sido bastante boa.

Brasil, Rio Claro: Adventista ganha maratona pela 3.ª vez

Joel António Ferreira, adventista de Rio Claro, SP, ganhou pela terceira vez a Ultramaratona de Minas Gerais, correndo de Uberlândia a Uberaba (cerca de 100 Km). A prova foi realizada no dia 26 de Abril e contou com a participação de grandes nomes do atletismo internacional.

Ferreira, que tem 50 anos e pratica o pedestrianismo há seis, é vegetariano há dez anos. Corre em média quinze quilómetros por dia, e de trinta a quarenta quando se prepara para a maratona. Entusiasta dos desbravadores e um dos directores do clube local, correu ostentando em sua camilosa um escudo do clube e a frase: «Breve Jesus Voltará».

Além do 1.º lugar na categoria de veteranos, o irmão Joel foi o 9.º colocado na categoria geral, deixando para trás dezenas de atletas mais jovens.

Para o Pr. Manoel Borges, líder J.A. da Associação Paulista Oeste, «ele tem dado, através



Veterano tricampeão ostenta os seus troféus.

do desporto, um forte testemunho em favor dos princípios de saúde defendidos pela Igreja e tem sido um exemplo de dedicação e força de vontade para todo o jovem adventista».

Paulista-Sul está preparando video-cassettes evangelísticos

São Paulo — Há quase três meses, a Associação Paulista Sul (APS), com sede no Brooklin Paulista, em São Paulo, vem produzindo video-cassettes. Além de levar instruções e orientação sobre os vários programas da Igreja aos seus oficiais e membros, o empreendimento visa aproveitar os aparelhos de vídeo existentes nos lares adventistas e transformá-los em instrumentos de evangelização e salvação, segundo os líderes do Campo.

Já são quase trinta os títulos disponíveis. Algumas produções: histórias bíblicas em desenhos animados, histórias do Antigo Testamento, documentários da Terra Santa, Desbravadores, Polyanna, Conferência Geral 85, entre outras.

Para o Pr. Jorge Burlandy, presidente da APS, estamos muito atrasados nessa área, e, por isso, devemos iniciar uma nova fase na vida da Igreja. — *Revista Adventista Brasileira*.

Brasil: Auxílio para vítimas das inundações

A ADRA Euro-Africana colocou à disposição das regiões sinistradas do Brasil a quantia de Esc.

2.070.000\$00 do fundo de sinistrados. — *V. Frikart*.

Espanha: Primeira Juiz Adventista

A irmã Rut Alonso Cardona, licenciada em Direito e membro da igreja adventista de Bilbao, conseguiu, após duras oposições, o lugar de juiz do Estado. É a primeira juiz adventista de Espanha.

Assinala-se, por outro lado, que Rut Alonso é adventista de

terceira geração, pelo que conhece a nossa Obra com profundidade.

A Igreja Adventista de Espanha felicitou a nova Juiz e apresentou-lhe votos das bênçãos de Deus no desempenho das suas novas funções. — *A. Tejel*, RA Espanhola.

Barcelona: Congresso Internacional de Jovens em 1989

Nos dias 26 e 27 de Janeiro, uma delegação de responsáveis de Jovens, a qual representava onze países da Europa, encontrou-se em Barcelona para tratar da organização do Congresso Internacional da Juventude Adventista (Divisão Euro-Africana), no próximo ano.

As principais actividades terão lugar no Palácio dos Desportos de Barcelona, próximo da futura aldeia olímpica, de terça-feira 25 a Sábado 29 de Julho de 1989. De acordo com as primeiras estimativas, espera-se a presença de mais de 3000 jovens. — *John Graz*.

Jovens: 2 Camporees, um em Portugal e outro na Áustria

No próximo mês de Julho, os Desbravadores da Divisão Euro-Africana participarão em dois camporees internacionais. Um terá lugar na Áustria e o outro em Portugal.

O primeiro, denominado Camporee Latino, agrupará Desbravadores da França, Bélgica, Suíça, Itália, Espanha e Portugal e terá lugar na Figueira da Foz, de 10 a 20 de Julho. O segundo,

realizar-se-á em Techuana, de 17 a 31 de Julho e agrupará os Desbravadores de língua alemã.

Os Desbravadores são uma das classes dos jovens, entre os 12 e os 16 anos. A Igreja Adventista organiza encontros internacionais para os Desbravadores de dois em dois anos. As inscrições para o Camporee Latino, este ano em Portugal, estão abertas.

Roménia: Encontro com o Ministro dos Assuntos Religiosos

No dia 22 de Janeiro último, o Secretário da A.I.D.L.R., Gianfranco Rossi, teve um encontro com o Sr. Ion Cumpanasu, ministro romeno para os Assuntos Religiosos.

O tema do encontro foi a situação relacionada com a demolição de cerca uma de vintena de igrejas, efectuada no âmbito da renovação de Bucareste.

O Ministro reafirmou o seu desejo de encontrar uma solução para realojar as comunidades

atingidas por esta demolição, incluindo a famosa igreja de Grant, que abrigava uma comunidade de 1000 adventistas.

De regresso a Berna, G. Rossi declarou que ficara em contacto com as autoridades romenas, de modo a poder seguir a evolução da situação.

No decurso da sua visita, G. Rossi encontrou-se também com vários chefes religiosos, entre eles com o patriarca Théocliste da Igreja Ortodoxa.

Revista «Conscience et Liberté» recebe felicitações oficiais

No passado dia 8 de Fevereiro, o Dr. G. Rossi, Secretário-geral da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa, recebeu, da parte do Embaixador da Polónia na Suíça, felicitações do General Jarusleski, Chefe do Estado Polaco, pelo dossier «Polónia» publi-

cado no n.º 34 da revista «Conscience et Liberté» [Consciência e Liberdade].

Também o Papa João Paulo II, após a publicação do referido dossier, expressou os seus agradecimentos pelo interesse que o seu país mereceu à Associação. — *J. Graz*.

Roménia: Inauguração de 2 Igrejas Adventistas

No Sábado 23 de Janeiro do corrente ano, foram inauguradas duas igrejas na região de Mures, ao norte da Roménia.

A primeira igreja servirá de lugar de culto a 120 membros adultos na vila de Sintana de Mures, região com cerca de 2000 habitantes. Na cerimónia inaugural estiveram presentes mais de 500 pessoas.

A segunda inauguração, em Tirgu Mures, teve uma assistência de quase 1000 pessoas. A comunidade adventista desta cidade tem mais de 1000 membros, que se reúnem em duas igrejas.

G. Rossi, que na altura se encontrava na Roménia, assistiu a estas inaugurações como convidado. — *J. Graz*.

Washington: 4 Nações apelam à ADRA

A ADRA Internacional, sigla de *Adventist Development and Relief Agency* [Agência Adventista para Desenvolvimento e Auxílio], recebeu um apelo de quatro nações, entre as quais o Vietnã e o Butão, para que estabeleça nos seus territórios a sua acção de ajuda às populações. O Líbano, a Colômbia e a Índia estão entre os países que proximamente beneficiarão do

auxílio da ADRA Internacional.

A acção da ADRA Internacional tem sido notável e tem merecido grande destaque internacional. Trabalhando silenciosamente, procura estar junto das populações, ajudando-as em planos de agricultura, irrigação, nutrição e saúde. Esperamos poder apresentar em breve um relatório anual das suas actividades.

Montreal, Canadá: Semana de Oração com o Pr. John Graz

A convite da igreja de St. Léonard, esteve presente em Montréal, Canadá, o pastor John Graz, departamental de Jovens da Divisão Euro-Africana, para animar a Semana de Oração, de 21 a 28 de Novembro. No último Sábado, reuniram-se mais de 700 adventistas de língua francesa. O pastor Gabriel Saintus, organizador desta Semana de Oração especial, considerou a experiência altamente positiva e edificante, planeando repeti-la nou-

tras Semanas de Oração.

Segundo o presidente dos Adventistas do Quebec, o pastor Claude Sabot, a taxa de crescimento da Igreja Adventista é das mais elevadas da América do Norte. O programa adventista de televisão «Está Escrito», do pastor Georges Hermans, difundido há vários anos, tem tido bastante êxito e vai ser posto à disposição da Igreja na Europa em video-cassettes.